Tardia Redenção das Alcovas Confinadas

Eduardo Campos

Há momento, não de todo fácil de precisar, mas transcorrente no percurso do século XVIII, em que os interessados na saúde do povo parecem descobrir, com mais profundidade, a importância do ar que respiramos. Por ar entendido a natureza, o que "está do lado de fora das casas". E em decorrência, de pronto, sob ênfase científica e literária, combatidos os quartos abafados nos quais, por descuido ou ignorância de educação, a renovação do ar-ambiente não é considerada, circunstância que se liga "ao colchão, ao travesseiro e às cobertas de plumas", como refere Pascal Dibie, ativadores das "secreções solitárias", campo propício à masturbação, e, por isso, sensibilizando a moralistas proclamantes da renovação da atmosfera enclausurada.

O onanismo, vício de muito passado, redescoberto com mais apropriação pelos que convivem na era vitoriana, pratica-se na intimidade não apenas inglesa, que a sociedade por esses dias – vem lembrar Peter Gay (ver "A Educação dos Sentidos") – mete-se em muita ansiedade.

Não só pelo motivo a que se acaba de aludir, mas à conta de tantos outros, a atmosfera é agenciada em favor da intimidade doméstica como veículo pretendidamente purificante, cabendo os seus efeitos até mesmo nos sentimentos espirituais. Desse modo, rasgam-se mais aberturas nas alcovas; tornam-se as janelas mais operantes. Nas próprias cadeias públicas vão criadas novas entradas de ar graças à

colocação de grades de ferro ou madeira, logo aproveitadas pela curiosidade popular para melhor contemplar criminosos célebres encarcerados.

A propósito, narra Michel Foucault, comum em Paris e Londres a existência de janelas gradeadas nos lugares onde permanecem os loucos, para os observarem mais a gosto os curiosos. Hospital de Londres (ainda com a palavra Foucault), em 1815, exibia os furiosos, por um **penny**, todos os domingos. (in "História da Loucura", p. 116).

Durante algum tempo considerei inexplicável o comportamento do nordestino, e/ de modo particular do cearense (que fala mais de perto aos meus estudos), em favor da obstinada reclusão em quarto de dormir, sem direito a porta ou janelas abertas – o que se impõe esclarecer: sem ar puro –, a se achar ameaçado pelo mais leve estado febril, situação sobre a qual discuti antes (ver "A Fortaleza Provincial: Rural e Urbana"), anotando: "Os enfermos (no Ceará) eram situados em compartimentos cujas portas e janelas não deviam ser abertas. Como a enfermidade (no exemplo, o cólera) vulnerava os rins, o trato intestinal, provocando micção e evacuações de odor característico fétido, é fácil deduzir o nível de saturação do ambiente por maus cheiros indesejáveis". (o.c., p. 106).

À margem da conquista do leito individualizado (a propósito vale conhecer o excelente estudo etnológico de Pascal Dibie, "O Quarto de Dormir") os de recursos, dando exemplo, puxariam os mais pobres para a desconfiança ao convencionado "ar dos móveis, da atmosfera densa dos armários e cômodas, que favorecem a multiplicação dos ratos e camundongos" – e para a desobstruição e ventilação, que se torna palavra de ordem, inclusive alcançando as penitenciárias, para as quais é sugerida a cama de armar. (o.c., p. 140).

Começa a esmorecer por aí, diante de novas propostas arquitetônicas, o isolamento (se possível situar dessa forma) de alcovas alocadas na planta baixa do edifício, e, muitas vezes, com apenas uma saída para estirado corredor, espécie de canal interno de comunicação que, desafortunadamente nessa situação, passa a promover a circulação do ar fedido de latrinas, cozinha e demais dependências (quartos de dormir etc...).

Porém no Ceará persistirá a sociedade, pelo primeiro quartel do século passado, a aceitar, sem restrições de parte da higiene pública, o uso de moradias nas quais o ar não contemple os necessários meios de ventilação interior.

Ricos ou pobres, por então, moram fechados, prisioneiros de limitados ambientes. Mas em compensação já há quem utilize a palavra

"saneamento", com propriedade, e aposte na importância do **ar atmosférico**, indo escrever nas páginas de "Unitário" (16.06.1917) – João Brígido? – a favor das condições que exigem o **"saneamento do Outeiro"**, assunto mencionado antes sob outro enfoque.

Em rigor, a idéia do articulista é de que aquele bairro, não saneado, concorria para contaminar o casario de Fortaleza, cidade obrigada a respirar ar impuro, infectado por "milhares de pulmões" e "deletérias emanações".

Em rigor não exagera. A Capital dorme, por então, sem considerações de higiene, nem respiração interior. Casas da Rua Major Facundo, Floriano Peixoto, Rua Formosa, lembramos, só de raro em raro exibem janelas laterais, e isso quando sua localização permitia, em face de se construírem imóveis residenciais ligados uns aos outros parede e meia. Só prédios mais altanados podiam praticar aberturas de captação de luz e ar, nessas circunstâncias.

O sobrado, em que se criou Gustavo Barroso, na Rua Major Facundo, não opulentava janelas laterais. De modo bastante econômico, esclarece aquele escritor, no segundo pavimento havia **"uma grande janela sobre o telhado da casa vizinha** (grifamos), defendida por uma velha grade de pau..." (ver "Coração de Menino", p. 135).

Decididamente as janelas não faziam o forte das preocupações da sociedade. O quarto de dormir em que se abrigou o casal Luiz Agassiz, em meados do século passado, nas proximidades de Fortaleza, "era uma peça pequeninina, duma dezena de pés quadrados" (...) "... e sem a mais pequena janela". O famoso viajante, ao descrevê-lo na oportunidade, acrescentou ser de pouca importância esse aspecto, em Fortaleza, onde os tectos têm aberturas suficientes para que o ar circule em abundância..." (in "Viagem ao Brasil – 1865-1866", p. 537).

Não tenho como localizar o ano, mas há-de ter ocorrido pelos inícios da década de 1930-39 o cuidado de a administração municipal da cidade de Fortaleza mandar corrigir a distorção, de que resultavam alcovas domiciliares, à época, praticadas em edificações tipo parede e meia, embutidas no interior das construções deficientes de arejamento, e dessa forma interditadas à luz do dia e aos ventos.

Desses dias a exigência da colocação de clarabóias no telhado e, em casos mais graves, a criação de pequenas áreas descobertas, internas, para proporcionar iluminação natural aos compartimentos de dormir.

Por essa razão, a pouco e pouco, as pessoas da comunidade passam a compreender os efeitos nocivos da poluição, vocábulo ainda não identificado com o seu sentido exato. É quando se verificam os

casos de habitantes, de uma ou outra rua, dirigirem-se à redação dos jornais profligando, por exemplo, "as fumaças e os maus cheiros de decomposições do combustível" oriundos das manufaturas de fumo (tabaco), denominadas cigarreiras, a proliferarem na cidade, onde ocupam locais impróprios.

Desses idos a exigência efetivada quanto à existência de riscado (planta baixa) na construção de imóveis, iniciativa que, não obedecida, tornava inviável a locação da obra e o seu aluguel. Entende-se principiarem por aí as atenções das autoridades municipais em favor de ambientes domésticos mais respiráveis.

Dá-se a partir daí, na Capital – e em menor ênfase por todo o interior do Estado –, melhor compreensão das vantagens do desfrute da natureza, da "atmosfera", termo por então de conotação especial na conversa dos mais entendidos, preocupados com a aeração de ambientes tidos por confinados.

"O Meu Sistema", obra do ginasta J. P. Muller, obtém êxito principalmente (possível imaginar) por referir em nota introdutória ao texto a informação de que "a maior parte das pessoas devem a doença a si próprias, como por exemplo, trazerem espartilho ou guarda-sol" (...), porque "permaneciam de dia e de noite em **atmosferas viciadas** (grifamos)".

A Livraria e Papelaria Araripe (Major Facundo, 159), em 1917, oferecia à venda um livro bastantemente procurado pelas donas de casa esclarecidas, "O Lar Doméstico", manual de "conselhos para a boa direção de uma casa", escrito por Vera A. Cleser.

Dito aí dever-se manter o dormitório, por conveniência, voltado para o nascente. "Um quarto higiênico deve ter **janelas** (grifamos) por onde entre ar, luz e sol. As plantas privadas de luz e de ar, estiolam-se, o homem que habita um quarto escuro numa **atmosfera viciada** (grifamos) sofre infalivelmente. Experiências feitas com maior cuidado têm demonstrado que um homem de força média absorve pouco – mais ou menos doze metros cúbicos de ar por dia..." Haja ar, haja espaço (nem sempre possível) e janelas para ventilar. "A ventilação é de importância capital" – doutrina a escritora –. Logo ao levantar-se a pessoa deve "abrir as janelas e então passar para o quarto de vestir. Durante as oito horas em que o quarto se conserva fechado, vicia-se consideravelmente a atmosfera..."

Ricos ou pobres em Fortaleza, vítimas da deficiência da própria arquitetura da cidade, moram e dormem praticamente enclausurados. Dessa feição, quem habita na Rua Major Facundo, Rua Floriano Pei-

xoto, Rua Formosa etc., etc., onde só uma ou outra residência possui janelas laterais. Norma, existirem estas na frente e fundos da edificação excetuados os prédios de esquina: "Hotel de França" a exemplo; o sobrado do Machado, etc., etc.

Não será exagerado admitir que a descoberta do ar, a serviço do homem, é conquista que, entre nós, principiou mesmo no século passado e se efetivou praticamente a inícios da presente centúria.

No País, o estado de espírito (de atenção e adoção aos ventos e ambientes externos) foi ajudado pela prática dos banhos de mar, ocorrentes no Rio de Janeiro por moda, na década de 1910-19, tempo em que senhoras e senhoritas passam a freqüentar, mais desinibidas, a Praia do Flamengo.

A revista "Careta" (edição do dia 12.01.1918), em francês, chama a atenção para "la vie au grand air", reproduzindo na oportunidade foto da juventude carioca a se divertir na ampla piscina (próxima ao mar) das instalações do Ginásio Anglo-brasileiro. Até no modo de dormir, o ar participa, contribuinte, enfatizada a mensagem dos "colchões ventilantes", invenção de um tal Pedro Cochan, em 1918. E nos próprios avisos comerciais, caso da "Aspirina Bayer", há referências a tratamento de enfermos, antigamente supliciados em seus leitos, guardados e envoltos "em grossas mantas"... Noutro anúncio comenta-se não apenas dito desconforto, mas a "falta de luz"...

O anedotário não esquece o tema da natureza melhor aproveitada. Há anedota, inserida na mesma revista (nº 480, 01.09.1917), apresentando um pândego cidadão imerso em sono profundo, deitado numa cama ao ar livre, a escapo das condições irrespiráveis dos quartos domésticos...

Praticamente a sociedade principia a libertar-se da idéia exagerada, como anotou Gilberto Freyre ("Sobrados e Mocambos", 1º v., p. 199), "dos resguardos do sol, que dava febre e fazia mal; do sereno; do ar encanado; dos maus cheiros da rua, etc., etc." Tudo conforme dito anteriormente, e assinalado de igual forma por Gilberto Freyre com propriedade, as pessoas dormiam "com as portas e janelas de madeira trancadas, o ar entrando só pelas frinchas. De modo que os quartos de dormir impregnavam-se de um cheiro composto de sexo, de urina, de pé, de sovaco, de barata, de mofo". (idem, p. 205).

De 1915, possivelmente, o estabelecimento de novo conceito de habitar, inclusive inspirado por propostas arquitetônicas quais as que patrocinavam no Rio de Janeiro os então lançados planos de venda de casas construídas a custo de quinze a dezoito contos de réis. Enéas Marini, engenheiro e arquiteto, propõe residências tipo A e B, de seu

modelo e técnica, providas de dois pavimentos. Em matéria paga nos jornais da época afiança: "mediante a quantia de sete contos de réis pagos em quatro prestações mensais, durante a execução das obras, comprometemo-nos a construir, em qualquer zona accessivel por carroças de tração animal, **belas e higiênicas casas para moradia** (grifado no original)...".

Todas as dependências dos imóveis residenciais projetados por Enéas Marini, inclusive W.C. e cozinha, prometiam aberturas para ventilação exterior, assim como passam a figurar na planta baixa (para ser observado) o distanciamento de 1,20m entre edificações vizinhas. ("Careta", 3.04.1915).

Em Fortaleza, à época, inicia-se a construção de casas tipo "bungalow". Na verdade, moradias desenvolvidas debaixo de melhor intenção arquitetônica e que principiam a surgir na periferia urbana da cidade.

As residências do chamado centro urbano, que não podem acrescentar ao tecto as clarabóias exigidas, aproveitam a utilização da telha de vidro para a mesma finalidade. Duas ou três conferem aos cômodos mais prejudicados a desejável claridade, e inspiram Rachel de Queiroz a escrever o poema: "Telha de Vidro", no qual figura moça de cidade que, indo morar em velha casa de fazenda, no interior, se vê acolhida "numa alcova sem luzes, tão escura", "mergulhada na tristura / de sua treva e de sua única portinha...".

"A moça não disse nada,
Mas mandou buscar na cidade
uma telha de vidro..."

Em todo o País – e por igual no Ceará – aprimoram-se os cuidados incentivando a higiene do lar, e perseveram ainda os conceitos de autora como A. Cleser ("O Lar Doméstico", p. 142), advertindo: "A boa higiene (do dormitório) exige que não seja habitado durante o dia e que a atmosfera seja pura. Nada de flores e perfumes, nem de medicamentos nesta peça; todas as emanações estranhas viciam o ar e podem provocar enjôos, etc.".

Os adolescentes de então continuam a ganhar, de presente dos pais, o "Compêndio de Civilização Cristã", escrito por D. Antônio de Macedo Costa, cuja primeira edição, 1873, com bastante antecipação, aconselhava a meninos o bom sono reparador "em leito um pouco duro, sobre o lado direito, depois da digestão feita, em **quarto bem arejado** (grifamos) (p. 44)".

Pelos anos, que seguem até o presente quartel deste século, só se dorme em condições mais convenientes nos sertões, isso em casas

de fazenda, nas quais, como refere Gustavo Barroso, "as portas só se fecham à noite, passam o dia escancaradas; o vento anda pela casa toda. Não são forradas. O vento à noite transcorre desembaraçado, penetrando pelos vãos de telhas...".

Vale acudir: pelo menos no que diz respeito à arquitetura em curso no Ceará, quanto ao aproveitamento da atmosfera, a casa de Fazenda pelos sertões antecipou o arejamento dos quartos de dormir, antes da Capital.

* * *

Posso estar equivocado, mas o espírito em favor do enclausuramento que nos sugere a casa brasileira nesses dias, recebe direta e inapagável influência da arquitetura portuguesa, na qual os interiores se estabeleciam preferentemente protegidos em função do clima. Assim, através de J. Leite de Vasconcellos (ver "Etnografia Portuguesa", v. VI, pp. 151 e ss), deparo o modelo ancestral, possível gerador de nossas moradias. No caso, as casas de Melgaço, onde a sala olha e vê o exterior, vantagem no entanto vedada às demais peças; ou outra, situada em rua de pescadores, no mesmo lugar, onde o quarto só dispõe de porta única de acesso ao corredor; ou de terceira residência, também no Concelho de Penafiel, com alcovas sob idêntica situação. E, por diante, as do Aveiro, Concelho de Coimbra; em Leiriá, Alentejo etc., etc.

O próprio mucambo (particularizado o de Recife) que tanto entusiasmou a Gilberto Freyre pela pretensa originalidade de sua construção – e bastante aproveitamento de ventilação – não está tão desamarrado, como parece entendido, da semelhança com a cabana de junco do Algarve (Portugal), na qual vigora na parede de oitão a abertura para o exterior, conquanto não seja esta uma prática cumprida noutros tipos de edificações.

Quer Gilberto Freyre (ver "Oh. de casa!", p. 83) que só no século passado viriam "certas modas européias de casa quebrar a uniformidade portuguesa – a moda do florentino, do gótico e principalmente do **chalet**".

Mais próximo de nós, a inícios do século – procedimento que atinge o auge na década de 1930-39 – tem-se a adoção do bangalô, estilo difundido em Fortaleza por exemplo, e transformado em opção para os que, indo residir afastados do centro citadino, o elegem por mais conveniente às necessidades domésticas.

Tema sem dúvida a inspirar estudiosos, quais Liberal de Castro e

outros, e, conquanto interdito a nós, pelo lado técnico, a atrair atenção pelas implicações sociais e urbanas produzidas.

Assim, o **bangalow** não chega apenas propiciando a melhoria de iluminação e aeração interna de peças, mas para modificar o "status" das pessoas que não disfarçam suas ingênuas ambições sociais. Em "Ponta de Rua", romance de Fran Martins, em que o autor focaliza a vida dos menos remediados em Fortaleza nos anos trinta, para Zé Clementino, personagem principal, esse tipo de edificação é "vivenda ideal sonhada por ele. Desejável o "bangalow" florido, decorado por mãos habéis, perfumado pelas rosas variadas do jardim". (...) ... "o "bangalow" rutilando, encantando como uma residência de fadas". (o.c., p. 166).

O imóvel de práticas espíritas, para onde se dirige D. Sofia com os amigos, no romance de Jáder de Carvalho (retratando a época), tem a forma de chalé... e é "casa isolada, com muita janela. As janelas se achavam literalmente abertas". (in "Eu Quero o Sol", p. 50).

Chalé e bangalô confundem-se ou se ajustam à compreensão do que deve ser – e nem sempre é – a arquitetura adotada pela Capital, a satisfazer o desejo de quem se enfada de morar emprensado em casas tipo parede e meia, ao longo de duzentos anos caracterizantes do traçado urbanístico da urbe.

A Fortaleza desses idos (dos anos trinta) apresenta-se mais sensível a manifestações contemporâneas de uma arquitetura adequadamente projetada; vê sua gente preferir móveis importados; acompanha a contagem do tempo pelo badalar do relógio da Coluna da Hora, instalado na Praça do Ferreira; anda de bonde; acompanha os filmes exibidos no "Majestic", em cujo prédio há cômodos que se alugam a profissionais liberais, advogados principalmente.

É todo um mundo de sentimentos burgueses, embrionário em suas manifestações sociais, onde se efetivam ainda serenatas; e cujos sepultamentos com mais de vinte automóveis no desfile significam o prestígio do falecido, condição que causa admiração se num dos carros é notado o estandarte da "Associação dos Merceeiros".

Na Rua das Flores localiza-se o meretrício. Pelas portas, de casa em casa, toda semana passeia pelo menos um turco (galego) que vende bugigangas à prestação; o automóvel desejado pelos de posse é a **barata, baratinha**; não se diz ambulância, mas "carro de Assistência", assim como a viatura da delegacia é "carro de polícia", e adiante rádio-patrulha. O tango argentino faz o gosto popular. O jogo campeia desenfreado nos clubes elegantes: Ideal, Diários e Iracema. A libra baixa enquanto sobe o dólar; o uísque é bebida de estrangeiros.

ingleses. A cidade principia a falar em **americanos**...

O sonho esperançoso dos que fazem sucesso na vida, como ocorre com Clementino no romance de Fran Martins, é possuir seu **bangalow**, encontrar um bom terreno onde "cavar uma cacimba, localizar uma caixa dágua, colocar catavento".

No entanto, vai demorar muito a cidade superar a prática de manter o banheiro (a significar também **privada**, sanitário) separado do corpo da casa, ou ligado a esta ao final do corredor. A privada, inventada em 1596, sob poucas alterações de apropriação doméstica, ainda é possível deparar no interior do Ceará, onde o banho, ao apagar das luzes do século, sugere um quer que seja de fruição aos encantos da natureza, algo paradisíaco, onírico, exercitado em fundo de quintal...

Xavier de Castro, em delicioso "cromo", perpetua nas páginas de "O Pão", em fevereiro de 1895, uma cena de banho de inspiradora moça sertaneja:

"O sol há pouco surgira;
Ela vinha do quintal...
Assustou-se, mal o vira,
E ocultou-se no avental...

De rosa, de seda e neve
Seu colo dalvo frescor
Molhadinho assim de leve
– Era em neblinas a flor..."